

**PHYSIOLOGIA E ÉTICA: DOIS FUNDAMENTOS DA UNIDADE DO
CONHECIMENTO DA FILOSOFIA DE EPICURO**

[PHYSIOLOGY AND ETHICS: TWO FUNDAMENTALS OF THE UNITY OF KNOWLEDGE
OF EPICURUS' PHILOSOPHY]

Everton da Silva Rocha

beysbura@hotmail.com

<https://orcid.org/0009-0007-4875-1750>

Possui graduação em Filosofia e em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, especialização e mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2006). Doutor em filosofia pelo programa interinstitucional UFPB-UFPE-UFRN. Missão de estudos no ano de 2009 (maio-dezembro) na UFMG, com participação durante o doutorado no programa de cooperação acadêmica (PROCAD) UFMG-UFRN-UFC, intitulado "Ser humano, natureza e discurso na filosofia antiga e posteridade". Atuando principalmente nos seguintes temas: filosofia, metafísica, história da filosofia e problemas éticos. Com produções em temas como epicurismo, platonismo, metafísica, ética e psicologia. Professor de filosofia e ética na UNI-RN (Centro Universitário do Rio Grande do Norte).

DOI: [10.25244/tf.v15i2.5014](https://doi.org/10.25244/tf.v15i2.5014)

Recebido em: 06 de maio de 2023. Aprovado em: 20 de julho de 2023

Caicó, ano 15, n. 2, 2022, p. 57-73

ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/tf.v15i2.5014](https://doi.org/10.25244/tf.v15i2.5014)

Dossiê Epicurismo antigo e sua recepção



Physiologia e Ética: dois fundamentos da unidade do conhecimento da Filosofia de Epicuro
ROCHA, Everton da Silva

Resumo: Abordaremos nesse artigo o problema da coerência no pensamento de Epicuro e de sua unidade sistemática. A partir de críticas feitas contra o epicurismo ao longo da tradição pretendemos voltar aos textos fundamentais atribuídos a Epicuro e apresentar argumentos que demonstrem em Diôgenes Laértios, nas cartas e máximas uma unidade sistemática, que perpassa todo o conjunto da obra epicúrea. Defenderemos o posicionamento que fisiologia e ética seriam separadas apenas para efeitos didáticos e teóricos. Na realidade elas fazem parte de um mesmo sistema filosófico. A continuidade entre fisiologia e ética seria demonstrada nas posições epicúreas relacionadas aos problemas dos fenômenos celestes, dos limites para as dores e os prazeres, e principalmente da morte.

Palavras-chave: Epicurismo. Fisiologia. Ética. Unidade sistemática.

Abstract: In this paper, we will address the problem of coherence in Epicurus' thought and its systematic unity. Based on criticisms made against Epicureanism throughout tradition, we intend to return to the fundamental texts attributed to Epicurus and present arguments that demonstrate in Diogenes Laertius, in the letters and maxims, a systematic unity, which permeates the whole set of Epicurean works. We will defend the position that physiology and ethics would be separated only for didactic and theoretical purposes. In reality they are part of the same philosophical system. The continuity between physiology and ethics would be demonstrated in the Epicurean positions related to the problems of celestial phenomena, limits to pain and pleasure, and especially death.

Keywords: Epicureanism. Physiology. Ethics. Systematic unity.

INTRODUÇÃO

Iniciaremos nossa análise da obra de Epicuro examinando a ordem proposta e apresentada, por Diôgenes Laértios¹, no décimo livro de sua obra *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Nossa principal justificativa é baseada na intenção, claramente exposta pelo autor, de apresentar um resumo de toda a filosofia de Epicuro:

Tentarei expor a doutrina desenvolvida por Epicuro nessas obras transcrevendo três de suas Epístolas, nas quais ele apresenta uma epítome de toda a sua filosofia. Transcreveremos também suas Máximas Principais e demais sentenças dignas de menção, de tal forma que possas, leitor, apreender todos os aspectos da personalidade do filósofo, ficando em condição de poder julgá-lo. (*Vidas*, X, 28-29)

Com esses elementos o autor pretende oferecer as condições necessárias para que seus leitores possam avaliar com segurança não apenas o filósofo, mas também a imagem que ficou o homem e acima de tudo o conjunto de sua filosofia. Temos fortes indícios que Diôgenes tinha a sua disposição vários tratados escritos por Epicuro. No capítulo dez temos diversos trechos que demonstram o conhecimento de outras obras e passagens. Isso fica patente na passagem 136, na qual encontramos referências aos trabalhos *Da Escolha e da Rejeição*, *Do Fim Supremo* e *Dos Modos de Vida*, sobre o tema da morte teria escrito um livro cujo título dado foi *Opiniões sobre as doenças e a morte*, todos eles foram anteriormente citados e sua autoria atribuída a Epicuro no passo 28. Inclusive, poderia ter retirado deles passagens expressivas sobre diversos aspectos de sua filosofia. Entretanto a escolha de Laértios incidiu sobre cartas escritas por Epicuro, direcionadas aos discípulos num tom amistoso. Essas missivas serviram ao propósito de expor aspectos essenciais da doutrina de modo resumido e consistente. Por outro lado, a opção pelo formato de carta pode nos ajudar na identificação de traços de humanidade do próprio Epicuro, colabora para que montemos com mais clareza um painel do célebre lugar ocupado pela amizade e de seu exercício no epicurismo.

DIÔGENES LAÉRTIOS E A ORGANIZAÇÃO SISTEMÁTICA DA FILOSOFIA DE EPICURO

A leitura de algumas passagens deixa transparecer em diversos momentos a simpatia de Diôgenes por Epicuro², o primeiro ponto que se destaca é a defesa empreendida contra homens

¹ Optamos pela grafia “Diôgenes Laértios” em lugar da mais adequada “Diógenes Laertes”, a justificativa é que a primeira grafia foi usada na tradução de Maria da Gama da obra *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*.

² Nos parágrafos 9 e 138 do livro X encontramos elogios fervorosos a Epicuro, não entraremos na discussão da legitimidade da autoria da obra *Vidas e doutrinas dos Filósofos Ilustres*, pois consideramos plausível a hipótese de Diôgenes ter

descritos como caluniadores de Epicuro que são elencados do passo terceiro ao nono. As acusações eram as mais variadas, Tímon descreveu Epicuro como um *cão* e um dissoluto, estoicos como Diotimos e Poseidônios hostilizaram publicamente o filósofo e sua filosofia, o primeiro deles teria publicado dezenas de cartas se fazendo passar por Epicuro, enquanto o segundo espalhou comentários sórdidos sobre a família, os discípulos e as capacidades intelectuais de Epicuro. Obras foram escritas com os títulos *Sobre a Efebria de Epicuro* e *Contra Epicuro* (Vidas, X, 04). É digno de nota que, antes mesmo de apresentar a vida e a obra do filósofo, Diôgenes montou um cenário que refletiu toda a polêmica e controvérsia existentes em torno do epicurismo, desde a época de Epicuro até seu próprio tempo. Em nenhum outro momento de seu trabalho pudemos perceber tal cuidado e deferência em relação a outro pensador. A atitude de Diôgenes pode ser distinguida com clareza na leitura da passagem que se segue:

Mas, esses detratores são uns desatinados, porque nosso filósofo³ apresenta testemunhos suficientes de seus sentimentos insuperavelmente bons para com todos: a pátria que o honrou com estátuas de bronze; os amigos, cujo número era tão grande que não podiam ser contados em cidades inteiras; (Vidas, X, 09)

Uma defesa tão enfática pode ser interpretada como uma resposta a ataques ferozes, algo demonstrado pela leitura dos passos referidos. Quando investigamos a história da recepção do epicurismo ao longo do tempo, encontramos muitas apropriações indevidas, comentários impregnados de má-fé e críticas que dificilmente dispensam ao conjunto da filosofia epicúrea um tratamento adequado. Encontramos exemplos paradigmáticos de críticas à tradição presentes nas introduções escritas por Bollack em suas duas obras de tradução de textos epicúreos. Tanto em seu estudo sobre a *Carta a Heródoto*, de 1971, quanto na obra publicada em 1974, o autor acusa a história da filosofia de tratar com repulsa o pensamento de Epicuro e sua escola.

Vimos que uma das intenções de Diôgenes foi oferecer condições para que os leitores pudessem entrar em contato com a obra de Epicuro, de modo que tivessem elementos suficientes para poder julgar a ambos, autor e obra. É razoável afirmar que a seleção organizada por Diôgenes é fruto da crença, que ele mesmo nutria, na capacidade elucidativa dessas cartas e sentenças. Reunidas elas configurariam um programa organizado com a função de apresentar, de modo resumido e sistemático, o conjunto do pensamento de Epicuro.

As cartas transcritas foram direcionadas a três discípulos: Heródoto, Pitócles e Meneceu. Defendemos a posição que em todas as cartas apresentadas é possível identificar uma unidade sistemática característica do pensamento de Epicuro. Nesse sentido, partilhamos do mesmo ponto de vista de Bollack (1971, p.14), que afirmou ter percebido nas cartas uma harmonia constituída de três aspectos e três estilos, coroados por um conjunto de máximas gerais sobre questões que envolvem a

realmente apreciado a filosofia de Epicuro, tanto que deu um tratamento diferenciado a sua obra. Portanto cabe aqueles que postulam outras teses apresentarem evidências consistentes, o que até hoje ainda não foi feito de modo convincente e definitivo.

³ Alguns estudiosos como Dumont (2004, p.515) acreditam que Diôgenes foi sem dúvida um epicurista, obviamente uma das passagens que ajudam a corroborar essa tese é a citada acima.

Physiologia e Ética: dois fundamentos da unidade do conhecimento da Filosofia de Epicuro
ROCHA, Everton da Silva

busca pela vida feliz. Não é incomum que ao longo do tempo as cartas a Heródoto, Pítocles e a Meneceu tenham sido vistas como referentes, respectivamente, aos temas: física, fenômenos celestes e a vida humana. Esse modo de percepção da obra de Epicuro encontra-se no livro escrito por Diôgenes:

A primeira *Epístola*, dirigida a Heródotos, trata da física; a segunda, dirigida a Pítocles, trata da meteorologia e astronomia; a terceira, dirigida a Meneceus, trata das concepções sobre a vida humana. Devemos começar pela primeira, após umas poucas observações acerca das divisões da filosofia segundo Epicuros. (*Vidas*, X, 19)

O autor apresenta uma ordem que deve ser seguida, primeiro a física, depois os fenômenos celestes, por fim devem ser abordados os assuntos relativos à vida humana. Não podemos perder de vista que antes tivemos uma introdução proposta por Diôgenes na qual a vida e a fama de Epicuro foram postas em cena, apenas após considerarmos esse contexto poderemos avançar para a leitura das cartas. Na realidade, o final da citação faz ainda outra ressalva, é necessário discutir um problema relevante, a saber, a divisão da filosofia epicúrea:

A filosofia se divide em três partes: a canônica, a física e a ética. A canônica é uma introdução ao sistema doutrinário, e constitui o conteúdo de uma única obra intitulada *Cânon*; a física abrange toda a teoria da natureza, e constitui a matéria dos trinta e sete livros *Da Natureza* e em suas linhas gerais, das *Epístolas*; a ética trata dos fatos relacionados com a escolha e a rejeição, constituindo a matéria das obras *Dos Modos de Vida*, *Epístolas* e *Do Fim Supremo*. Os epicuristas, todavia, costumam reunir a canônica e a física e chamam a canônica de ciência do critério de verdade e do primeiro princípio, e também doutrina elementar; chamam a física de ciência do nascimento e da morte, e também da natureza; a ética é chamada pelos mesmos de ciência do que deve ser escolhido e rejeitado, e também dos modos de vida e do fim supremo. (*Vidas*, X, 29-30)

O texto indica uma maneira geral de divisão da filosofia, explica cada seção que compõe o quadro e faz uma rápida aplicação das partes ao conjunto da doutrina de Epicuro. Ainda que aceitássemos que a filosofia de Epicuro foi dividida por ele em três partes, nem por isso seria necessário abdicar da unidade de seu pensamento, já que não deixariam de ser três divisões no interior de um conjunto. Entretanto, a sequência mostrada na exposição anterior sofre uma mudança radical, o autor lança suspeita sobre a adequação de tal divisão ao pensamento de Epicuro e sua tradição. Afirma outra forma de compreensão do conjunto do epicurismo, com isso põe em evidência o modo como a própria escola epicurista concebia sua filosofia. A física, segundo Diôgenes, era percebida pelos epicuristas como o saber em torno da geração e da corrupção, e em torno da natureza. Essa expressão serviu como maneira de resumir nosso posicionamento sobre a *physiologia*, ela é uma alteração da proposição τὸ δὲ φυσικὸν περὶ γενέσεως καὶ φθορᾶς, καὶ περὶ φύσεως traduzida por Mario

Physiologia e Ética: dois fundamentos da unidade do conhecimento da Filosofia de Epicuro
ROCHA, Everton da Silva

da Gama Kury da seguinte maneira “chamam a física de ciência do nascimento e da morte, e também da natureza” (Diôgenes Laértios, 2008, p. 289). Parente (1974, 292), estudiosa italiana, traduziu a mesma passagem da seguinte maneira “enquanto chamam a física ciência da geração, da corrupção e da natureza”⁴, não muito diferente do que encontramos na versão de Hicks (1954, p. 559) “quanto a física, eles dizem, tratar do vir a ser e do perecer, e da natureza”⁵. Entendemos *physiologia* como investigação da natureza das coisas, dos processos de geração e corrupção, nascimento e morte.

Já a ética consiste no conhecimento de tudo que devemos nos esforçar em buscar e, por outro lado, indica também as coisas que devem ser evitadas. Essa perspectiva ética, conhecer a natureza para escolher, traz implícita a noção de relação física e espacial, pois envolve movimentos de aproximação e afastamento do indivíduo em relação às coisas, pessoas e possibilidades que o cercam.

Diante de tal conflito, entre duas visões diferentes do epicurismo, escolhemos recusar a primeira. Nossa justificativa consiste em considerarmos insuficiente como prova o fato de existir uma orientação geral corrente no período que dividiu a filosofia em três partes física, canônica e ética. Acreditamos que a segunda posição é mais coerente, para sustentá-la nos orientamos por uma leitura baseada nos textos restantes de Epicuro e na tradição epicurista, neles identificamos a presença da *physiologia* e da ética. A primeira trata dos critérios de conhecimento para em seguida investigar a natureza, enquanto a segunda investiga a natureza humana. A fundamentação da ética na *physiologia* é um ponto importante e já defendido por estudiosos do pensamento de Epicuro como Bollack (1971, p.13) e Silva (2003, p.20-21). Sustentamos um posicionamento semelhante, que poderia ser resumido da seguinte forma: a *physiologia* trata do problema da geração e da corrupção e fornece os elementos básicos para a compreensão da natureza. Uma vez constituído esse saber o epicurista encontra um terreno sólido para justificação de suas posturas éticas. Tal proposta tem a virtude de separar o pensamento de Epicuro segundo critérios presentes em aspectos textuais e pensar sua filosofia como uma ética baseada em uma investigação natural, posição apresentada também por Diôgenes Laértios.

Numa certa medida esse entendimento fora na antiguidade partilhado por outros além de Diôgenes Laértios. Há uma citação de Sêneca que diz:

Os epicuristas a princípio reconheciam apenas duas partes, a física e a ética. Mais tarde a experiência ensinou-lhes a necessidade de se protegerem contra falsos conceitos e de corrigirem erros, e foram forçados a introduzir a filosofia racional sob um outro nome. (USENER, 2006, p. 60)

Desse modo teríamos outro elemento indicador de uma divisão em duas partes, acreditamos que essa leitura é mais condizente como os textos remanescentes atribuídos a Epicuro. Assim nada impede que durante os quatro séculos que se seguiram o epicurismo tenha introduzido outro segmento, que cuidasse das condições do conhecimento, ou *canônica*, segundo o modelo de outras escolas. Todavia, até aqui não encontramos nos textos epicuristas aspectos que sustentem essa

⁴ Tradução nossa do original: “...mentre dicono la fisica scienza della generazione, della corruzione e in genere della natura”.

⁵ Tradução nossa do original inglês: “...while physics proper, they say, deals with becoming and perishing and with nature;”

Physiologia e Ética: dois fundamentos da unidade do conhecimento da Filosofia de Epicuro
ROCHA, Everton da Silva

tripartição, de modo que essa perspectiva poderia constituir um desenvolvimento posterior a escola epicurista grega, como sugeriu Sêneca na passagem acima. Nesse sentido concordamos com Balaudé (2002, p. 49) quando afirma que a tripartição seria menos epicurista, e, portanto, mais próxima de uma possível tradução escolar da doutrina de Epicuro, segundo um modelo ternário (lógica, física e ética). Para esse estudioso a reflexão sobre as regras e condições para o conhecimento (canônica) está estreitamente ligada ao estudo da natureza (*physiologia*), seu argumento é fundamentado no comentário de Diôgenes Laértios (2008, p. 289).

Contudo, ao nos determos ao arranjo do material disposto por Diôgenes somos levados a um percurso coerente com a perspectiva apresentada pela principal fonte do pensamento de Epicuro e nos distanciamos das conclusões majoritárias sobre a divisão da filosofia epicúrea ao longo da história da filosofia. O respeito pela sequência encontrada no livro dez, configura também uma aposta teórica e metodológica, isso significa que acreditamos que essa ordem constitui um conjunto doutrinário formado por temas relativos à *physiologia*, fenômenos celestes, temas éticos e políticos, ordem reproduzida na disposição das máximas soberanas.

Se tomarmos como exatas as palavras de Diôgenes e relembrarmos alguns pontos expostos anteriormente, devemos reconhecer uma grande influência do epicurismo sobre as reflexões do autor, explicitamente apresentada nos seguintes termos:

Aponhamos agora, por assim dizer, o selo final a toda esta obra e a biografia deste filósofo, citando suas *Máximas Principais* em conclusão a todo o trabalho. Dessa forma seu fim assinala o início da felicidade. (*Vidas*, X, 138)

Todo o cuidado, afeição e espaço destinado por Diôgenes ao pensamento de Epicuro são confirmados nessa passagem, independentemente de possíveis problemas inerentes à obra, como por exemplo, seu caráter transcrito. Seria plausível supor que ao copiar o texto original, o autor pudesse reproduzir a admiração de um outro autor, ainda assim a conclusão da obra em seu décimo livro é claramente a manifestação de uma escolha. Graças a essa predileção temos acesso a um material de valor inestimável: as cartas e máximas de Epicuro. Ao dispor as cartas e máximas nessa ordem Diôgenes nos transmitiu a impressão de valorizar todo o caminho epicurista até felicidade, apresentando a necessidade de lidar com um conjunto de problemas que Epicuro e seus discípulos pretenderam conhecer, investigar e superar através de um sistema filosófico coerente.

A RETOMADA DE UM PROBLEMA

A argumentação anterior é de caráter introdutório ao problema da unidade do pensamento no epicurismo. Por unidade do pensamento compreendemos um conjunto de conceitos e processos que

remetem uns aos outros de modo sistemático e coerente, em relações de interdependência sem as quais não se pode cumprir o trajeto filosófico proposto por Epicuro, que consistiu em buscar o conhecimento e a felicidade. Com esses esclarecimentos pretendemos mostrar que doxógrafos como Diôgenes já tinham uma visão da filosofia de Epicuro como um todo organizado. Não foi essa a leitura de muitos especialistas. Apresentaremos a seguir um exemplo paradigmático, uma máxima que ao longo do tempo gerou, a nosso ver, uma sucessão de imprecisões e reduções incidentes sobre a filosofia de Epicuro. Em outras palavras, interpretações que conduzem ao engano, pois não reconhecem a unidade teórica do epicurismo. Vamos à décima primeira máxima principal:

Se não nos perturbássemos com nossas dúvidas respeito dos fenômenos celestes, e se não receássemos que a morte significasse alguma coisa para nós, e também não nos perturbássemos com nossa incapacidade de discernir os limites dos sofrimentos e dos desejos, não teríamos necessidade da ciência natural. (*Vidas*, X, 142)

Epicuro apresenta quais são os três principais domínios de aplicação da *physiologia*: os fenômenos celestes, a morte e os limites para as dores e os desejos. O filósofo destaca que esses três campos precisam ser esclarecidos, pois a maneira como os encaramos e os entendemos produz modos de relação que afetam a dimensão anímica, já que estes podem gerar inquietação e perturbação. É necessário investigar a natureza, suas causas e fenômenos ligados aos eventos celestes. Apesar da distância que separa o homem de alguns desses eventos, existem implicações diretas em nosso cotidiano relacionadas as nossas opiniões cosmológicas. Epicuro enfatiza também o papel da *physiologia* na investigação da constituição dos corpos, incentiva o homem a buscar lançar luz sobre sua própria natureza, sensações, afecções, desejos e limites. A morte é outro ponto de origem para várias preocupações, e nesse trecho Epicuro não trata o problema apenas na dimensão da ética, na realidade as suspeitas e as inquietações humanas só podem ser resolvidas com segurança através da *physiologia*.

Examinemos outras análises em torno da finalidade do conhecimento, baseados na máxima referida acima. Robin (1948, p. 393-394) percebeu a atitude de Epicuro para com os fenômenos naturais como indiferente ao que seria uma verdadeira explicação dos mesmos. De acordo com o estudioso francês, já seriam suficientes esclarecimentos que dessem conta de aspectos gerais, relativos à lógica e à moral, as únicas condições exigidas por Epicuro. Mais ainda, Epicuro estaria muito distante do “verdadeiro espírito científico”, pois desprezava todas as ciências e ignorava a existência de um saber que tinha o fim em si mesmo⁶. Ao sujeitar o processo de busca pelo conhecimento a procura pela felicidade, Epicuro teria cometido um crime de lesa-ciência. A conclusão de Robin é que a razão perderia sua dignidade quando propôs Epicuro submetê-la a uma finalidade terapêutica e ordenadora de limites aos desejos.

Outro que confere a Epicuro um tratamento semelhante é Nizan (1999, p. 46). Ele percebeu no filósofo do jardim uma espécie de profunda indiferença quanto às minúcias da ciência; segundo sua maneira de ver, toda a investigação física empreendida por Epicuro foi submetida ao utilitarismo ético. A busca epicúrea pelo conhecimento da natureza consistiu em um recurso para alcançar a

⁶ Essa acusação nos remete a compreensão aristotélica da filosofia, como sendo ela mesma sua própria finalidade. Ver *Metafísica*, A, 2, 982b.

Physiologia e Ética: dois fundamentos da unidade do conhecimento da Filosofia de Epicuro
ROCHA, Everton da Silva

eudaimonia, a sabedoria teria uma utilidade. Mais uma vez o filósofo é criticado por não valorizar a ciência pela ciência.

Nessa mesma linha segue Vianna (1965, p. 55) ao acusar Epicuro de ter comprometido os aspectos científicos de seu pensamento graças ao caráter explicitamente soteriológico de sua filosofia. Todavia são necessários alguns esclarecimentos, o primeiro deles diz respeito ao sentido do termo “científico” tão amplamente usado por tantos autores? O segundo pretende elucidar por que razão Epicuro deveria ter formado um compromisso com uma concepção de conhecimento como algo que tem sua finalidade em si mesmo? Em que medida as explicações fornecidas por Epicuro sofrem algum tipo de perda em função de um caráter soteriológico imputado a sua filosofia?

Exigir de Epicuro e de sua doutrina algum tipo de *espírito científico* constitui sem sobre de dúvida um anacronismo. Nenhum comentador pode demandar a qualquer filósofo da antiguidade algo dessa natureza. Até porque ciências como física, astronomia e matemática são hoje muito diferentes de suas raízes antigas. Ainda assim deve se procurar reconhecer que Epicuro não despreza a investigação de fenômenos celestes, físicos e tocantes à natureza humana, apenas submete-os a critérios claramente ligados à felicidade.

Acreditamos que perceber no pensamento de Epicuro qualquer espécie de soteriologia significa propor um argumento completamente insustentável. Entendendo por soteriologia uma doutrina religiosa da salvação (ABBAGNANO, 2002, p.921), fica fácil identificar a impropriedade de tal acusação, pois como veremos adiante a religião, sob a perspectiva do epicurismo, em nada interfere na vida do homem. Além disso, o objetivo da filosofia epicúrea nunca foi a salvação, e sim, sempre de maneira muito clara, a felicidade entendida como *eudaimonia*. Na realidade essa expressão *salvação* nos causa estranhamento quando relacionada à filosofia do jardim, visto que não identificamos nos textos remanescentes um termo sequer que aponte para esse sentido. Contudo, no momento em que levamos em conta algumas interpretações, sustentadas nos últimos três séculos de história da filosofia, percebemos com mais clareza a tendência a aproximar o pensamento epicurista, de modo comparativo, à perspectiva cristã moderna, propensão que se estendeu até o início do século XX. Essa tensão entre epicurismo e cristianismo é milenar, e convém lembrar que a escola epicurista passou a ser perseguida após a emergência do cristianismo nos primeiros séculos de nossa era.

A exigência de que o conhecimento seja um fim em si mesmo é algo que em nossos dias parece um tanto quanto extravagante. Esse estranhamento aumenta ainda mais se considerarmos a ciência como a mais poderosa manifestação da técnica, reunião de um conjunto de saberes típicos da modernidade. Em nosso tempo a ciência⁷ está ligada a várias forças políticas, econômicas, industriais etc. Não se trata de uma digressão, mas de assinalar que a ciência não é imparcial; ao longo da história recente é fácil identificar seu comprometimento com o poder e os interesses de países e corporações.

Consideramos relevante apontar para o fato de frequentemente o epicurismo ter sofrido críticas como as referidas, que claramente carecem de uma análise fundamentada no exame dos textos que temos a disposição. A busca da sabedoria para Epicuro não passa necessariamente por uma supervalorização da aritmética, astronomia, música e geometria, seu percurso obrigatório visa à saúde da alma. Mas daí a chamá-lo de inimigo da ciência, já configura um exagero, pois o atomismo é uma

⁷ A rigor não existe *a ciência*, mas discursos científicos, sem compromisso de coerência entre si. O conflito existe quando pensamos ciências humanas e ciências da natureza, mas encontra-se também no seio de cada um de seus segmentos específicos. A física pode ser um exemplo claro disso, pois nela existem teorias contraditórias quando relacionadas entre si, aceitas por alguns setores e negadas por outros.

Physiologia e Ética: dois fundamentos da unidade do conhecimento da Filosofia de Epicuro
ROCHA, Everton da Silva

abordagem coerente, sua aventura intelectual propôs, ao longo de séculos, respostas originais para problemas clássicos, debatidos desde antiguidade até nossos dias. Com Epicuro e seu método das múltiplas explicações⁸ temos uma proposta pouco dogmática que se preserva por trazer consigo uma dose razoável de ceticismo, de modo que o discurso de investigação da natureza está sempre em desenvolvimento, novos elementos e respostas podem surgir ao longo do tempo. Diferentemente da ciência contemporânea que por vezes pode ser esquizofrênica, inconsequente e manipulada por interesses que a ultrapassam, o caminho do filósofo do jardim tem um compromisso inalienável com a sabedoria do bem-viver. Epicuro é sensato o suficiente para perceber que apesar de existirem diversos modelos de sabedoria, em última instância cada homem pode, em alguma medida, governar a si mesmo e com isso fazer o cálculo dos prazeres, não há uma moralidade universal externa responsável pela determinação das ações humanas. O cenário de crise dos valores gregos característico do período helenístico, principalmente a decadência das cidades-estados, pode ter sido um fator relevante para a construção da mentalidade epicúrea.

Tais análises não são encontradas apenas em materiais mais antigos, tomemos os exemplos a seguir. Em seu vocabulário sobre Epicuro, Balaudé (2002, p. 48-49) encara a filosofia de Epicuro como desprovida do objetivo de produzir uma reunião sistemática de conhecimentos, de modo que, o filósofo de Samos rejeitaria concepções cumulativas de saber, pois elas dispersariam e causariam desvios em relação ao fito essencial: a pesquisa da felicidade; para tanto seria necessário alcançar as condições para dissipação dos sofrimentos do corpo e, acima de tudo, das perturbações anímicas. Ainda segundo Balaudé, o saber filosófico deve ter, principalmente, um valor curativo. Em apoio a sua argumentação ele cita uma passagem da obra *Adversus Mathematicus* (XI, 169) de Sexto Empírico: “A filosofia é uma atividade que procura, por raciocínios e argumentos, o caminho para a felicidade”. Com base nessa passagem, o autor concluiu que a sistematização da filosofia epicúrea gira estritamente em torno da rememoração e do acordo em praticar os ensinamentos presentes nas máximas fundamentais. É digno de nota que essa análise é construída em contraposição as outras escolas da época, a saber, o estoicismo e o ceticismo, estas sim, seriam caracterizadas por um conhecimento construído através de uma aquisição metódica e ordenada. No tocante a este último aspecto comparativo, não consideramos tal argumento suficiente para assinalar uma redução tão categórica da filosofia de Epicuro. Pois identificamos um isolamento de certos trechos que frequentemente não apresentam conexões fortes com outras regiões do pensamento do filósofo.

A revelia da admissão de relações necessárias e realmente existentes no corpo da doutrina, o problema da morte, se tomado como exemplo, passa a ser um modelo de como muitas análises ocorrem de modo isolado. Desprovida de toda carga reflexiva que lhe é inerente, temos como principal consequência uma considerável perda de relevância em torno de um tema que configura um dos grandes caminhos para demonstração da unidade e da coerência da filosofia de Epicuro.

No Brasil temos estudos recentes que se alinham com perspectivas como as apresentadas acima. Vejamos a opinião de Spinelli:

Não foi, com efeito, e por princípio, a ciência ou a explicação das coisas do mundo que acima de tudo lhe interessou, e sim o modo como propiciar gozo e felicidade ao

⁸ Em sua carta a Pítocles, Epicuro apresenta om método das explicações múltiplas para compreensão dos fenômenos celestes.

Physiologia e Ética: dois fundamentos da unidade do conhecimento da Filosofia de Epicuro
ROCHA, Everton da Silva

sujeito individualmente considerado e na situação de infortúnio. (SPINELLI, 2009, p. 96)

De algum modo argumentos dessa natureza, que ressaltam a busca pelo prazer e pela felicidade em meio a um contexto social e histórico em crise, findam por conduzir a uma separação que não encontra suporte no pensamento de Epicuro. Essas análises distanciam a filosofia da investigação da natureza das coisas, pois não se esforçam em trazer à tona que de acordo com o modelo epicúreo o prazer e a felicidade só podem ser desfrutados após um minucioso exame da natureza das coisas, seguido de crítica à política, à religião e à astronomia. Isso não é sugerido apenas em situações de crise e conflitos sociais, é imperativo que cada pessoa se ocupe com a filosofia, em qualquer momento da vida, jovem ou velho, sozinho ou com outros, pois sabedoria e felicidade são indissociáveis. Se, por um lado, o sábio goza de tranquilidade e bem-estar, por outro, não podemos esquecer que sua posição se constitui por meio de contínuas relações críticas com amplos aspectos de sua cultura e sociedade.

Bollack (1971, p.08) em sua análise da décima primeira máxima principal, a mesma apresentada anteriormente como fonte de dificuldades, chama a atenção para o problema de encarar a ciência da natureza com um “meio” que visa à tranquilidade como principal objetivo. Ele lembra que comentadores célebres, como Gigon e Boyance, acusaram Epicuro de não encarar o conhecimento como um fim em si mesmo, com isso esses autores elegem como valor e critério de apreciação a finalidade. A principal dificuldade, segundo Bollack (1971, p.278-279), seria não reconhecer o lugar da ciência das substâncias, ou *physiologia*, dentro do sistema de pensamento epicúreo. Seu argumento busca mostrar o fato de não se levar em consideração que a máxima está afirmando a necessidade da investigação da natureza, sendo assim os homens são obrigados a conhecer a constituição das coisas, já que sem a *physiologia* não conseguiriam construir um conhecimento seguro e opiniões adequadas sobre o sol, a morte ou a sua própria natureza. Mais ainda, os domínios a serem esquadrihados envolvem questões pertinentes ao conhecimento de todo universo natural, o conhecimento formado segundo esse processo, a *physiologia*, é de caráter antitético. Bollack encerra sua argumentação afirmando que se a *physiologia* fosse um fim em si, tornar-se-ia também conjectural e mítica, perderia sua íntima ligação com a natureza do homem, e, por conseguinte, seu lugar de produção humana. Endossamos essa avaliação, ao lermos pesquisas como a empreendida pelo estudioso francês fica patente a diferença de abordagem e cuidado no tratamento da letra de Epicuro, desde seu contato inicial, sua tradução à interpretação da obra.

Também Moraes (EPICURO, 2006, p. 24) interpreta essa máxima de maneira semelhante: “o esforço pelo conhecimento não se justifica por si mesmo, nem por algum culto a ciência”. A teoria conduz a uma vivência prazerosa, física e ética estão em recíproca dependência. Na mesma passagem indicada Moraes enfatiza que só o conhecimento da natureza das coisas assegura que a morte não nos afeta, compreendendo-a como “mera separação dos átomos que nos compõe”.

É possível pensar que Epicuro desconfiasse daqueles que sustentam a tese da existência de uma finalidade em si mesma no processo de conhecimento, é razoável supor que ele desejasse apontar que muitas vezes ocultos estavam o poder, as honrarias, o reconhecimento de um lugar diferenciado, em muitas relações essa diferença ficava clara. Sabemos que os epicuristas consideravam a dialética supérflua (*Vidas*, X, 31) e em alguns momentos Epicuro faz questão de afirmar que considera investigação da natureza uma atividade mais complexa, com exigências mais profundas que muitas atividades intelectuais desenvolvidas ordinariamente em seu tempo.

Physiologia e Ética: dois fundamentos da unidade do conhecimento da Filosofia de Epicuro
ROCHA, Everton da Silva

Consideramos de suma importância discutir esses aspectos da crítica ao pensamento de Epicuro, confrontá-los com outras avaliações. Caso contrário, seríamos levados a tomar o epicurismo nascente como uma filosofia dos ignorantes, pobres e dos excluídos, do homem da decadência grega⁹, a contraparte obscura de saberes mais nobres, luminosos e elevados.

Entretanto dentro da literatura filosófica existem outros juízos sobre o pensamento de Epicuro. Tomemos o exemplo de Kant (1992, p. 47, A 35), que tece o seguinte comentário ao referir-se aos epicuristas: “eles deram provas de máxima moderação no prazer e foram os melhores filósofos da natureza entre os pensadores da Grécia”. O pensador alemão percebeu e destacou a importância dada pelos epicuristas à filosofia da natureza, exaltando de modo claro e diferenciado o papel da física no pensamento de Epicuro. Certamente leitores como Kant levaram em consideração que os epicuristas separaram a astronomia de todos os aspectos religiosos e míticos, operaram uma verdadeira crítica da capacidade de conhecimento sobre os fenômenos celestes, principalmente por meio do uso de múltiplas explicações, mas ainda assim são acusados por Spinelli (2009, p.108) de “pouca competência epistêmica relativas à filosofia e à ciência”. Não há dúvida que esse é um ponto repleto de controvérsias. Ao analisar esse problema Farrington (1967, p. 34) se dá conta que muitas vezes o epicurismo não foi corretamente avaliado, ele admira a linguagem científica e técnica empregada nas cartas e sentenças, principalmente o modo como as expressões remetem a “um sistema firmemente articulado”. Endossamos a posição de Farrington nos três pontos mencionados. Primeiro, acreditamos que o pensamento de Epicuro foi constantemente reduzido e empobrecido de diversas formas ao longo do desenvolvimento da tradição filosófica; segundo: a leitura dos textos aponta para o uso proposital e esclarecido de uma linguagem técnica e criteriosa (*Vidas*, X, 37-38); terceiro: tal perspectiva discursiva está inserida em um sistema de pensamento sólido e coerente, que consistiu na última manifestação do atomismo grego.

A filosofia atomista influenciou e foi influenciada por vários segmentos da filosofia grega antiga. O terceiro ponto destacado acima merece um exame cuidadoso, por isso se faz necessário elencar alguns aspectos de grande relevância. O primeiro deles diz respeito ao genial cenário filosófico que antecedeu a emergência do epicurismo, trata-se obviamente das contribuições de Sócrates, Platão e Aristóteles. É impossível pensar a filosofia de Epicuro sem relacioná-la com as fortes influências desses três pensadores. Bignone (1936), em sua obra *Le Aristotele perduto e a formazione filosofica di Epicuro*, argumenta de maneira minuciosa e erudita sobre o tema das influências aristotélicas no pensamento de Epicuro. Por outro lado, outros se esforçam em vincular Epicuro aos *physiologoi*¹⁰, entendendo sua perspectiva filosófica como um movimento de continuidade do modo de investigação da *physis*. Existem aqueles que viram Epicuro como um *socrático menor*, ligado ao emblemático Sócrates pela influência do hedonismo de Aristipo de Cirene. É famoso o silêncio de Platão em relação a Demócrito¹¹, mas existe um debate antigo sobre a relação de Epicuro com o pensamento platônico, inclusive se não teria sido discípulo de Pánfilo, um platônico de Samos (*Vidas*, X, 14). No material que nos chegou não encontramos menção ao nome de Platão, todavia várias passagens das cartas contêm pontos de fortes divergências em relação às posições platônicas. Como por exemplo, a passagem

⁹ Quanto aos aspectos políticos temos a decadência da democracia ateniense, mas por outro lado até que ponto podemos desconsiderar que foi do mundo grego que brotou o maior império da antiguidade? Que tivemos nesse período uma ampla difusão da cultura grega?

¹⁰ Também marcados pela expressão pré-socráticos, o que pode gerar confusão quando tomamos o exemplo de Demócrito que era contemporâneo de Sócrates.

¹¹ Temos aquela famosa passagem na obra de Diógenes Laérties que apresenta Platão queimando os livros de Demócrito (*Vidas*, IX, 40).

Physiologia e Ética: dois fundamentos da unidade do conhecimento da Filosofia de Epicuro
ROCHA, Everton da Silva

crítica sobre a tese da incorporeidade da alma presente na carta a Heródoto. Outro indício significativo da presença das ideias platônicas e aristotélicas no jardim encontra-se nas obras escritas pelo sucessor de Epicuro, Hermarcos, ele escreveu livros intitulados *Contra Platão* e *Contra Aristóteles*.

MÉTODO E SISTEMATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NA FILOSOFIA EPICÚREA

Conche (1977, p. 25-40) defende a existência de dois métodos distintos dentro do pensamento de Epicuro. O primeiro deles estaria presente na *Carta a Heródoto* e *Carta a Pítocles*, denominado método de conhecimento, o autor aponta também desenvolvimentos tratando desse tema que podem ser encontrados em obras de Diôgenes Laértios (*Vidas*, X, 31-34) e Sexto Empírico (*Adversus Mathematicus*, VII, 203-216). O método do conhecimento é dividido por Conche em dois segmentos: os critérios de verdade e análise das opiniões segundo esses mesmos critérios. O segundo é chamado método para felicidade¹² e sua principal fonte é a *Carta a Meneceu*. Consiste em analisar as condições para se alcançar a felicidade, dividido em dois grupos: o primeiro seria a condição das condições, ligado a ciência da natureza, enquanto o segundo reuniria as condições imediatas, que seriam a ausência de medos e a regulação dos desejos.

Entendemos essa divisão como uma análise criteriosa do conteúdo das fontes do epicurismo, seu papel elucidativo é consistente e bem fundamentado. Entretanto não reconhecemos dois métodos no pensamento de Epicuro, defendemos a existência de apenas um método que reúne conhecimento e felicidade. O exame atento da proposta de Conche (1977, p. 40) já nos apresenta elementos suficientes para uma defesa inicial de nosso posicionamento. Ao tratar do método para a felicidade, o autor promove uma integração entre *physiologia*, como condição das condições, e *eudaimonia*, alcançada após a satisfação das condições imediatas. Com isso ele unifica também os temas tratados tanto na *Carta a Heródoto* quanto na *Carta a Meneceu*, e demonstra que física e ética são indissociáveis, assim como o método para conhecer e os princípios de conduta e escolha que conduzem a felicidade, em outras palavras, não é possível operar separação efetiva entre *physiologia* e *eudaimonia* no pensamento de Epicuro.

O início da Carta a Heródoto tem os elementos mais importantes para a defesa da existência de um sistema de pensamento epicúreo. Um deles refere-se ao modo como o autor da epístola preocupa-se em diferenciar os graus de recepção e assimilação de sua filosofia por parte de seus discípulos. A rigor esse é o primeiro tema apresentado, Epicuro coloca a hipótese de que muitos não podem se consagrar ao estudo minucioso de seus tratados. Essa alegada incapacidade pode estar associada à diversidade de seus discípulos, alguns mais ocupados com atividades do cotidiano, outros pouco familiarizados com a leitura e os estudos de maior complexidade ligados às obras mais extensas como o *Pery Physeos*. Os fatores são muitos, entretanto a preocupação de Epicuro consiste em promover um resumo de toda a doutrina, que tenha o poder de orientar tanto neófitos como

¹² É interessante notar que outros autores também encaram a “Carta a Meneceu” como tratando do método para ser feliz, no Brasil inclusive temos uma tradução dessa epístola como “Carta à Felicidade”.

Physiologia e Ética: dois fundamentos da unidade do conhecimento da Filosofia de Epicuro
ROCHA, Everton da Silva

estudantes mais avançados. Um texto com esse propósito deve apresentar uma arquitetura que transite do simples ao complexo de modo sistemático e a partir de princípios básicos. A carta nos mostra com clareza essa organização e seus princípios:

Aqueles que progrediram suficientemente na contemplação do universo devem ter na memória os elementos fundamentais de todo sistema doutrinário, pois necessitamos frequentemente de uma visão de conjunto, embora não aconteça o mesmo com os detalhes.

Com efeito, devemos voltar incessantemente à visão unitária e sintética, e memorizá-la de maneira a poder obter dela uma concepção fundamental para a compreensão das coisas e especialmente descobrir todos os pontos de vista exatos para a compreensão das particularidades, quando os princípios fundamentais estiverem corretamente entendidos e firmemente fixados na memória; (*Vidas*, X, 35-36).

Epicuro apresentou seu pensamento como um sistema (*πραγματεία*)¹³ doutrinário com princípios fundamentais que buscam dar conta da totalidade das coisas. Esse sistema possuía uma coerência interna entre seus elementos constitutivos. Outro ponto de destaque é remissão a uma visão ampla, de conjunto que tenha a capacidade de reunir e organizar a diversidade fenomênica. Sem essa síntese, e a presença dos elementos básicos da doutrina, é impossível ao discípulo examinar com precisão as obras mais complexas. A ausência desses requisitos torna impossível o estudo da natureza segundo a proposta epicurista.

O filósofo insiste nitidamente no papel central da memória. O primeiro destaque diz respeito à memorização dos princípios fundamentais de seu ensinamento. Salem (1993, p. 20) percebe a preocupação de Epicuro em apresentar um conteúdo de importância pedagógica, que mantenha a relevância sistemática da doutrina, pois uma vez presentes na memória o estudioso dispõe de condições para reconstruir e compreender esquemas da física atomística que pretendem ter alcance universal. Salem (1993, p. 22) chama essa estrutura esquemática de “grade de interpretação do real”. Esses princípios e sua fixação permitem acessar conteúdos que transitam por todo o corpo da doutrina, principalmente entre explicações físicas e a *ataraxia*, ou tranquilidade da alma, de inestimável valor para o epicurismo. O próprio Epicuro deixa claro que é da investigação da natureza e do seu consequente processo de compreensão e produção de saberes que, ele mesmo, retira sua calma.

A memória recebe um tratamento especial também na *Carta a Pítocles* (*Vidas*, X, 84-85). Também nesse documento o papel sintético dos conteúdos expressos tem a finalidade de auxiliar o leitor a exercitar a reflexão sobre a natureza a partir de elementos fundamentais em sua conexão com a totalidade dos fenômenos percebidos. No livro XXXVIII do *Pery Physeos* (SEDLEY, 1973) após tratar de questões epistemológicas relativas à linguagem, Epicuro exorta seus discípulos pela enésima vez a confiarem mais em suas próprias memórias que na autoridade de Metrodoro ou dele mesmo, mestre e fundador do jardim. A memorização como prática é fundamental no processo de conhecimento, torna o exame dos fenômenos particulares mais preciso e detalhado, e acima de tudo

¹³ Aristóteles usa essa expressão ao referir-se ao conjunto do pensamento platônico. *Metafísica*, 987a30.

Physiologia e Ética: dois fundamentos da unidade do conhecimento da Filosofia de Epicuro
ROCHA, Everton da Silva

submetido a um sistema que interpreta as informações segundo uma teoria unificadora da natureza. Colocada dessa forma a *physiologia* consiste num exercício inalienável, atrelado a cada experiência humana individual, acima de qualquer autoridade exterior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após considerar esses trechos dos escritos de Epicuro, é razoável afirmar que existe um método para o conhecimento, que nas cartas encontram-se resumidos. O próprio filósofo apresenta uma introdução com ênfase na assimilação de regras capitais destinadas a constituir um domínio teórico de questões gerais e particulares, relativas a problemas que se mostram aos sentidos, mas que penetra também na esfera do conhecimento da natureza das coisas invisíveis. Isso porque tanto o vazio como o átomo não são visíveis, assim os princípios ensinados oferecem condições de investigação para todo e qualquer objeto de natureza particular dentro do domínio da *physiologia*.

Não basta pensar que a *physiologia* é o fundamento da ética. É de extrema importância remontar o modo como Epicuro relacionou o estudo da natureza às questões relativas às escolhas e rejeições humanas. A investigação desenvolvida sob a perspectiva epicúrea construiu um novo olhar sobre o homem, a cidade, o mundo e o todo. Essa visão epicurista possuía um trato específico com a sensação, de maneira que o mundo pensado era também um mundo que se revela pelos sentidos e seus desdobramentos racionais legítimos. Podemos dizer que Epicuro empreendeu uma espécie de crítica da capacidade do pensamento, estabelecendo limites para as especulações e seus desdobramentos. Suas reflexões retomaram problemas fundamentais (Como o que é homem? O que é o mundo? O que é o universo?) e ofereceram respostas baseadas em um eixo comum o exame da *physis*. O resultado disso foi uma redefinição da compreensão do homem sobre si mesmo, do mundo e do universo que consistiu num novo modo de experienciar a vida, o epicurismo. A mudança não era apenas conceitual, seu principal aspecto era vivencial, tomando como exemplo o tema da morte podemos figurar com mais clareza a radicalização visada pelo projeto de sabedoria de Epicuro.

O pensamento de Epicuro sofreu de um problema incomum na história da filosofia, a rejeição por parte de muitos intelectuais, filósofos e sábios da antiguidade por se chocar diretamente com muitas concepções reinantes, acreditamos que esse trabalho contribuiu para oferecer uma visão filosófica mais compatível com aquela presente nos textos epicúreos.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Physiologia e Ética: dois fundamentos da unidade do conhecimento da Filosofia de Epicuro
ROCHA, Everton da Silva

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Trad. do grego Giovanni Reale. São Paulo: Edições Loyola, 2ª edição 2005.

BALAUDÉ, J.-F. **Le vocabulaire d'Épicure**. Paris: Ellipses Édition Marketing S.A., 2002.

BIGNONE, E. **L'Aristotele perduto e la formazione filosofica di Epicuro**. Florença, 1936.

BOLLACK, J. & WISMANN, H. **La lettre d'Épicure**. Paris: Les Editions de Minuit, 1971.

BOLLACK, J. **La pensée du plaisir, Épicure: textes moraux, commentaires**. Paris: Les Editions de Minuit, 1975.

CONCHE, M. **Epicure: lettres et maximes**. Paris: éd. De Megare, 1977.

DIÓGENES LAÉRTIOS. **Vida e doutrinas dos filósofos ilustres**. Brasília, UNB, 2008.

DUMONT, J.-P. **Elementos de História de Filosofia Antiga**. Trad. Georgete Rodrigues. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

DUVERNOY, J.-F. **O Epicurismo e sua tradição antiga**. São Paulo: Zahar, 1990.

EPICURO. **Máximas Principais**. Tradução e notas João Quartim de Moraes. Campinas: IFCH-UNICAMP, 2006.

FARRINGTON, B. **A doutrina de Epicuro**. Trad. Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

KANT, I. **Lógica**. Tradução de Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

NIZAN, P. **Demócrite, Épicure, Lucrèce**. Les matérialistes de l'antiquité. Paris: Arléa, 1999.

PARENTE, M. **Opere di Epicuro**. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1974.

SALEM, J. **Commentaire de la lettre d'Épicure à Hérodote**. Cahiers de Philosophie ancienne n°9. Bruxelles: Editions Ousia, 1993.

SEDLEY, D. **Epicurus, On Nature book XXXVIII**. Frag. 13, col. XIII, 2-6. IN: Bolletino del centro internazionale per lo studio dei pairi ercolanesi, III, 1973, 5-83.

SEXTUS EMPIRICUS. **Contre les professeurs**. Paris: Editions du Seuil, 2002.

SILVA, M. F. **Epicuro: Sabedoria e jardim**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

SPINELLI, M. **Os caminhos de Epicuro**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

DOI: [10.25244/uf.v15i2.5014](https://doi.org/10.25244/uf.v15i2.5014)

Physiologia e Ética: dois fundamentos da unidade do conhecimento da Filosofia de Epicuro
ROCHA, Everton da Silva

ROBIN, L. **Le pensée Grecque et les origines de l'esprit scientifique**. Paris: Albin Michel, 1948.

USENER, H. **Epicurea**. Leipzig: 1887. Compilado por Erik Andersen, 2006. In: disponível em: <http://www.epicurus.info/etexts/epicurea>>. Acesso em: 26-03-2010.

VIANNA, S. **Sobre o epicurismo e suas origens**. In: *Kriterion*, 65, janeiro-dezembro 1965, pag. 47-64.